

OS TRABALHOS E OS DIAS NA ANTIGUIDADE

Homero, Hesíodo e Virgílio: olhares diversos sobre
o Homem e a Natureza.

Alves Fernandes

A proposta do nosso discurso é enlatizar a realidade contradi-
tória como um dos fundamentos da própria condição humana. Nem os
deuses nem os animais trabalham, só o homem.

Nem por isso deve o trabalho ser considerado um castigo, como
deuses, nem o contrário, o pão com o suor do seu rosto, como punição, ou
castigo punitivo ao crime de desobediência primordial. O trabalho, nesse
contexto, é uma dessas contradições dialéticas fundamentais da vida, entre
o real e o imaginário. Quando o homem apareceu na face da terra foi-lhe necessário procurar
se em busca da sua substância, enfrentando a alteridade da natureza
dos elementos, das chuvas e das colheitas.

2ª PARTE

sempre mais árdua ou mais amena na dependência da variedade dos climas,
gráficos e da variedade dos solos.

ESTUDOS

O resto é poesia e filigrana mítica de que dispõe a fantasia humana para a leitura sem fim da nossa própria existência.

Para a visão ponderada do poeta de Arca, a terra é fértil e maldição,
o trabalho árduo dos campos é a fonte da vida, mas a colheita é
oiosa e a indispensável fonte de energia para o desenvolvimento
em busca do sucesso e do bem-estar.

Se para Homero os valores do trabalho e do bem-estar constituam
a referência maior, como a da pátria grega, privilegiando o estamento
aristocrático de Hesíodo, em Hesíodo dedica-se o ezo de sua atenção para o segmento social do mundo camponês
- pária da existência laboriosa do mundo do trabalho produtivo
- ezo de sobrevivência à sobrevivência da espécie.

Investindo na poesia o substrato espiritual da sua própria vivência
de camponês, de Bóccia, contempla com "intelecto d'amore", de

A Metafísica Lírica de Luciano Maia em *Claroscuro*

Noemi Elisa Aderaldo

Claroscuro é uma grande obra da maturidade poética de Luciano Maia atingindo uma dimensão metafísica, com inúmeras construções formais absolutamente perfeitas! Aí podemos contemplar um raro casamento artístico entre forma e sentido, entre estrutura e conteúdo, entre a matéria rítmico-sonora do verbo – o sequenciamento cadenciado e harmônico das palavras – e o encantamento mágico duma alma expressando apreensão de realidades em níveis imateriais, incluindo vasta gama de sentimentos e de correlações anímicas.

Os variados, mas equilibrados ritmos vérsicos são amiúde acompanhados duma sonoridade quase musical.

Faz nosso Poeta, do soneto, a sua forma predileta – que comparece, às vezes, disfarçada – e é nesta forma tão tradicional que Luciano, poder-se-ia dizer, atinge sua perfeição poética.

Veja-se, como exemplo, o paradigmático e perfeitíssimo soneto intitulado “Mar Possível”, um dos mais bem construídos entre todos os sonetos existentes na língua portuguesa, o que lhe confere um valor prototípico.

Ostenta nosso poeta impressionante preferência pelo verso decassilábico, como se fosse ele sua própria respiração.

Mas visita também, não poucas vezes, no seu independente, porém cometido versejar, verdadeiras alturas metafísicas, como nestes dois simples versos, os quais, deixando implícito saber o Coração mais do que a Mente, poderiam até constituir a base filosófica do Poeta, tendo inclusive um inegável teor e um forte sabor existencial:

*O Coração alcança outras alturas
mais que as meras alturas da razão.*

Em todo caso, porém, nosso poeta não apenas sente as coisas, mas também as pensa, como se constata ao longo do seu *Claroscuro*. Entretanto, no pináculo mesmo de sua mundivisão está, sem dúvida, o Amor. Chega mesmo a dizer, paradoxalizando:

*Dessemelhante de outros bens, o amor
aumenta se o entregas aos demais.*

Ao longo da obra, e de variadas maneiras, o Sertão permanece como personagem central, sob cujo signo tudo o mais se passa ou se evoca.

Curioso também é constatar que a contínua e frondosa inspiração do autor, nas mais diversas formas poéticas e temas nelas abordados ou afluídos pode ser sempre percebida como uma espécie de ininterrupta respiração poética sua. De certa forma Luciano respira inspiração. E os elementos que deflagram suas experiências líricas não decorrem apenas do âmbito dos sentidos e dos movimentos físicos, mas são também hauridos dos imateriais estratos dos sonhos, das vivências e das experiências oníricas, tão verdadeiras e tão vividas como as de ordem vital em estado desperto.

Por tudo isso, não poderia deixar de haver na poética de Luciano uma espécie de estrato ou de cumeeira metafísica, onde são evocadas e avaliadas as estruturas e os fenômenos físicos, mentais e vitais da existência humana, assim como também os fenômenos da morte, das crenças no além-túmulo, dos níveis supra-humanos, dos céus e do Divino...

Ao longo de sua obra, desponta em nosso poeta uma certa tendência, a aproximar ou contrapor extremos, como é o caso do título mesmo do seu livro, *Claroscuro*, em que pese a conhecida técnica barroca dos contrastes, inaugurando um neologismo; às vezes inovando, brinca também e joga com a matéria verbal com que trabalha, como é o caso quando diz, no primeiro poema do conjunto, inaugurando uma postura com frequência assumida:

*Chegam, como num sonho, acontecidas
palavras, proferidas em proveito
de um tempo sublimado: escutá-las
é fazer caminhar o pensamento
tangido pelo sopro das vogais
e consoantes de uma fala ancestra.*

Aqui, inclusive, inverte o fenômeno da verbalização, emprestando às palavras primazia sobre o pensamento.

Joga Luciano, frequentemente, com os opostos, verbal e mentalmente, e às vezes tem rompantes que estremecem, como nos versos:

*Espumas como mortalhas
de afogados insepultos
sem ladainhas...*

E em mais estes, onde emprega uma palavra muito rara;

*Fim de tarde... a lucidez
crava em meu peito o punhal.
A memória faz-se indez –
sumário de todo o mal.*

Como Poeta, assume Luciano posturas as mais diversas: a do menino, a do amante, a do velho, a do filósofo, a do mortal, a do eterno.

Quando eivado de sombras, desenganos e descrenças, canta as faltas, os vazios, a fragilidade humana, mas em outros momentos também canta as alegrias, os sonhos, as esperanças, as venturas, as belezas; enfim, os opostos do viver, que se intercalam; narra em essência poeticamente, as coisas todas que acontecem. E é sempre, essencialmente, o Poeta quem fala! E assim todo se abre, Luciano, em forma de Poesia! Seja nas águas da Vida, como acabamos de ver, seja na vida das Águas, como vimos no seu "Rio".